

Germano Mathias: o cronista de uma cidade em transformação

Caio G. S. Lobo*

Resumo

Este trabalho tem como proposta analisar a produção e atuação do sambista paulista Germano Mathias a partir das mudanças sociais, econômicas e culturais vividas intensamente por São Paulo principalmente nas décadas de 50 e 60, período marcado por acentuada industrialização e reconfiguração do espaço urbano e das relações sociais. Como um dos maiores expoentes da figura do malandro no samba paulista, a obra de Germano Mathias insinua uma desmontagem antropológica do padrão produtivo moderno e a negação da visão do trabalho que projeta sobre o corpo social a condenação da ociosidade e a coibição do relaxamento.

Palavras-chave:

Germano Mathias, São Paulo, malandragem.

Introdução

Germano Mathias iniciou sua carreira artística como sambista profissional em 1955. Quando jovem frequentava as rodas de samba dos engraxates em redutos como a Praça da Sé, Praça João Mendes e Praça da República. A partir da Segunda República a malandragem se tornaria a temática dominante do compositor popular brasileiro e Germano Mathias seria um dos intérpretes que incorporaria com maior destreza a figura de afronta ao estereótipo da imagem de São Paulo como "terra do trabalho e do progresso".

Resultados e Discussão

Na capital de São Paulo, durante a década de 50, pode-se observar certas formas predominantes de incidência da repressão policial sobre a atuação dos sambistas, que poderiam ser enquadrados por desajustamento à ordem pública, desrespeito aos costumes e subversão¹. Estes casos normalmente correspondiam às perseguições por "vadiagem", ao fechamento de estabelecimentos irregulares, à repressão de tumultos e ao suposto "indecoro" das práticas ligadas ao samba. O discurso do progresso, neste sentido, surgia como supostamente necessário para promover a higienização social dos espaços ocupados por "malandros" e "desocupados"².

Neste contexto o caso da reforma da Praça da Sé, realizada à época do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954), é emblemático por ter causado a expulsão dos engraxates, reduto social de grande influência para a formação cultural e artística de Germano Mathias.

Em 1958, por exemplo, o sambista gravaria a canção "Lata de Graxa", composta por Geraldo do Blota e Mário Vieira: "Barra Funda, castiga a batucada, meu irmão, vamos engolir com chifre e tudo/ No coração da cidade/ Hoje mora uma saudade/ A velha Praça da Sé (Bis)/ Nossa tradição/ Da praça da batucada/ Agora remodelada/ Só ficou recordação/ Até o engraxate/ Foi despejado/ E teve que se mudar/ Com sua caixa/ Ai que saudade/ Da batucada (Bis)/ Feita na lata de graxa".

O intérprete realça o sentimento de melancolia devido à mudança acelerada pela qual a cidade era transformada e nos revela certa tristeza pela superação das antigas formas de socialização. Se em "Saudosa Maloca" (1951) Adoniran Barbosa consegue captar a cidade em seu movimento através do lamento sobre a

lógica da especulação imobiliária que demolia as antigas relações sociais, Germano Mathias capta as alterações no espaço urbano da cidade através da lamúria pela eliminação do samba dos engraxates que a nova reordenação visual da Praça da Sé impunha.



Figura 1. Capa do LP "Ginga no Asfalto" (1962)

Conclusão

O sambista paulistano recria um panorama baseado na vivência na cidade e nas mudanças testemunhadas nos espaços vividos. O vínculo afetivo e simbólico entre as experiências coletivas e individuais mediadas por esses espaços e as novas formas de identidades estruturadas no âmago da urbanização constituem o subsídio para Germano Mathias interpretar suas canções.

Agradecimentos

Agradeço à UNICAMP, ao PIBIC, ao CNPq e ao meu orientador, o professor José Roberto Zan.

¹ SILVA, M. V. Debaixo do "Progrêssio": urbanização, cultura e experiência popular em João Rubinato e outros sambistas paulistanos (1951-1969). 2011. 287 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

² CISCATI, M. R. Malandros da terra do trabalho: malandragem e boemia na cidade de São Paulo, 1930-1950. São Paulo: Annablume. FAPESP, 2000.